

AS DIFERENTES *AFFORDANCES* NOS ECOSISTEMAS DIGITAIS

Eduardo Paré Glück¹
eduardogluck@gmail.com

Quantas vezes você, ao acessar suas redes sociais, depara-se com novas possibilidades tecnolinguageiras² que cada ecossistema digital proporciona? Cada vez mais, a partir do advento da *Web 2.0*, inúmeros recursos surgem, tornando-nos eternos aprendizes digitais. Não há como negar que vivemos em uma cultura digital e que novas ferramentas são criadas, para que nós, enquanto sociedade, estejamos navegando eletronicamente. E é nesse ínterim, na máquina, que clicamos, deslizamos o *mouse*, somos remetidos a um outro documento digital, dentre muitas ações que só o imbricamento da tecnologia com a linguagem promove.

Para compreendemos essa dimensão, a linguista francesa Marie-Anne Paveau, precursora da Análise do Discurso Digital (doravante ADD), conduz pesquisadores da linguística a se debruçarem sobre a tecnolinguagem, isto é, a simetria entre a linguagem e a tecnologia na análise das produções discursivas nativas de ambientes digitais *on-line*. Na ADD, a referida linguista declara que há uma ligação indissociável entre matéria linguageira e tecnologia, ou seja, há um *continuum* entre o verbal e o não verbal (PAVEAU, 2015; 2017).

Nesse cenário, torna-se imprescindível tratarmos das *affordances*, cujo termo vem do verbo *afford* (oferecer, em inglês). Contudo, saliento que esse termo foi cunhado antes da ADD, pelo psicólogo americano James Gibson, em 1977. Para ele, *affordance* diz respeito à relação entre agente (homem) e ambiente (GIBSON, 1977). Em outras palavras, ela implica complementaridade entre o meio ambiente e o indivíduo. No universo digital, Paveau (2017) se utiliza do termo elaborado por Gibson (1977) para explicar a relação que o usuário deve estabelecer com o objeto, como ele deve usá-lo e o que ele deve fazer com ele.

A fim de entendermos melhor a noção de *affordance*, uso a seguinte metáfora: ao depararmos a maçaneta de uma porta, sabemos a ação que precisamos executar para que a porta se abra, certo?! O mesmo ocorre com as *affordances* em rede: para que determinadas ações se concretizem, é preciso executá-las, a partir do clique. Em suma, trata-se das possibilidades de ação oferecidas por cada ecossistema digital.

¹ Doutorando e mestre em Linguística Aplicada (UNISINOS).

² Consoante Paveau (2017), um traço tecnolinguageiro trata-se da característica de natureza compósita digital (linguagem e técnica).

Nesses ecossistemas digitais, há muitas *affordances*. A *hashtag* está entre as principais inseridas na rede de *microblog Twitter*, a partir de 2007. Em sites de compras, como a *Amazon*, o famoso botão "adicionar ao carrinho" fornece uma dica para iniciar uma experiência de compra. Contudo, para que compreendamos as *affordances* que estão na rede, é preciso que saibamos executar as ações. Por isso, é fundamental que estejamos inseridos nesses ecossistemas digitais, navegando, clicando, descobrindo. Vamos lá?!

Referências

GIBSON, J.J. The theory of affordance. Em: Shaw, R. e Bransford, J. (Eds.) **Perceiving, acting, and knowing**: toward an Ecological psychology. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 67-82, 1977.

PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les univers numériques: Matières technolangagières et formes technodiscursives. **Itinéraires**, [S.l.], p. 1-24, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/itineraires/2313>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écriture. **Sêmen**, [S.l.], n. 42, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/semen/10609>>. Acesso em: 20 mar. 2021.